

**Disciplinando corpos infantis na Primeira República:
os discursos da revista Tico-tico e dos Almanques de Farmácia**

Paulo Roberto Souto MAIOR JÚNIOR¹
Janaína dos Santos MAIA²

Resumo

O presente artigo busca uma interlocução entre três temáticas que constituíram problemas sociais no começo do século XX: a higiene, o controle do corpo e as práticas pedagógicas. Os preceitos referentes ao controle do corpo são provenientes de um Brasil insalubre e que necessita de práticas higienistas aplicadas a sua população a fim de proclamar o repúdio com os arcaísmos e abraçar o moderno a partir de um desejo de europeização. Paralelamente, poderia haver a noção de um chamado “mente sã em corpo sã” na clara preocupação de um país em busca do moderno, e que visasse um controle maior dos seus “pequenos” futuros agentes de uma pátria positivista, uma das maneiras pela qual o discurso cívico se referia as crianças. Esses jovens seriam educados por suas mães, conhecidas pelo modelo rainha do lar. Queremos aqui discutir um pouco sobre esse capítulo do discurso sanitarista a modelar o corpo infantil lançando mão da revista Tico-tico e dos Almanques de Farmácia. Para isso recorro aos estudos de Michel Foucault. Além da contribuição metodológica de Heloísa Pimenta Rocha e Anny Jacqueline Torres Silveira.

Palavras-chave: História da saúde. Educação. Corpo. Infância.

Abstract

The present article seeks a dialogue between three thematic that constituted social problems in the early twentieth century : hygiene, body control and pedagogical practices. The provisions relating to the control of the body come from an unhealthy Brazil and requires hygienists practices applied its population to proclaim the rejection with archaisms and embrace the modern from a desire to Europeanization . In parallel , there could be the notion of a so-called " healthy mind in healthy body" clearly a concern in a country in search of the modern , and that targets greater control of their " small " future agents of a positivist homeland, one of the ways by which civic discourse

¹ Graduado em História pela UFCG. E-mail: paulosoutom@gmail.com.

² Graduada em História pela UFCG. E-mail: janaina.maiasantos@gmail.com.

referring children . These youth would be educated by their mothers , known by the model of the queen of the home. We wish here to discuss a bit about this section of the speech sanitarian to shape the child's body throwing hand of Tico-ticoMagazine and Almanacs of Pharmacy. For this we refer to the studies of Michel Foucault. Besides the methodological contribution of Heloísa Pimenta Rocha and Anny Jacqueline Torres Silveira.

Keywords: History of health. Education. Body. Childhood.

Introdução

Pensar o século XIX e as suas influências no início do século seguinte é uma tarefa complexa para o historiador e sempre necessita de um recorte espacial e temporal. Se lançarmos o olhar sobre a questão da higiene veremos uma inovação que em termos de infância passa a funcionar na lógica do binômio educar e cuidar. Não por acaso ocorria em Londres, no ano de 1884, a primeira Exposição de Higiene e Educação. O tema estava em pauta e junto a ele as cidades se desenvolviam centradas no vocabulário urbano e industrial. A ciência dava passos consideráveis especialmente na medicina. A “era bacteriológica” também estava na ordem do dia. Crescia nas cidades os movimentos de saneamento visando novas formas de evitar doenças e epidemias. As novas ideias cruzam o Atlântico e chegam ao Brasil. Movimento que tem suas razões.

No início do século XX diagnosticou-se que a questão da higiene no Brasil era alarmante, a capital do Brasil assumia o posto de sétimo lugar no ranking das cidades mais insalubres do mundo. Medidas precisavam ser tomadas. Os atores do espaço social passaram a ser “medicalização da sociedade” e “desodorização do espaço urbano”. As cortinas se abrem e os cuidados higiênicos tomam as ruas da cidade. O protagonista de tais práticas seria, no dizer de Margareth Rago, o “reizinho da família”, as crianças. Já no século XIX percebe-se que o médico adentra no espaço familiar. Os pequenos vistos como futura riqueza da nação precisavam ser cuidados com mais zelo. Um novo discurso buscou atentar o governo para o desprezo com a infância, o que logicamente causava elevadas taxas de mortalidade. A criança merecia ser cuidada para ser o futuro da pátria. Ela precisava ser ensinada a ser cívica e patriótica. A inexistência de criminosos nas ruas amanhã dependia de tirar as crianças das ruas hoje. O discurso médico coloca a rua como a escola do mal, a formadora de delinquentes e criminosos.

Vários discursos foram elaborados na corrida que era preciso traçar rumo ao moderno. Eis o modelo seguido na política brasileira do começo do século XX, preocupava-se em modernizar o país. A geografia que melhor atendeu a esses interesses foi o Rio de Janeiro, capital do país na época.

O projeto de civilidade construído para tirar o Brasil do seu estado de atraso contou com o saber médico. Coube aos discursos da medicina construir as possibilidades de higienizar os corpos sociais, os corpos citadinos, os corpos infantis. Simultaneamente o povo veste a roupagem da menoridade intelectual. Ora, “o povo assistiu bestializado a Proclamação da República”, dizia Aristides Lobo quando da Proclamação da República do Brasil em 1889. A frase aponta para a falta do grau de instrução da sociedade brasileira pois não entendia o que uma república significava³. Destarte, não poderiam entender um projeto onde a heterogeneidade das condições de vida pretendia se homogeneizar no processo civilizador emergente. Este povo “inculto” representa, pois, o inverso de um país aspirante ao posto de moderno.

Vale abrir um parêntesis e lembrar que o pensamento higienista já existia no Brasil, embora sem maiores dimensões, no século XVIII sob influência da miasmática (teoria onde tudo que estiver em inércia é foco de doença). O diagnóstico médico acerca dos problemas da colônia frisava a dificuldade na circulação dos ventos causados pelas montanhas, a impermeabilidade do solo, o despejo de lixos nas ruas, os sepultamentos nas igrejas. O século XIX fornece maior sustentabilidade a questão com a chegada da Família Real no Brasil, em 1808 (ano da criação da Escola Cirúrgica da Bahia e da Escola Cirúrgica do Rio de Janeiro, que se tornaria Academia Médico-Cirúrgica). Mas nada comparado às mudanças trazidas pela república positivista, que constituiu um modelo de administração do Brasil no fim dos oitocentos.

1 A república construindo a infância

O corpo da cidade do Rio de Janeiro modificava-se com a drenagem de pequenos rios, plantio de árvores, telas milimétricas postas nas habitações para impedir

³ Para ver mais, consulte: CARVALHO, José Murilo. Os bestializados. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

a passagem de mosquitos. Os médicos, além da educação física, estimulavam uma vida ao ar livre, solicitavam a construção de jardim e parques para exercícios e jogos. Uma tentativa de copiar os “Grandes Cities” da Inglaterra e dos Estados Unidos e passear nos modelos cidade-jardim apresentados por Ebenezer Haward em fins dos oitocentos. A relação sanitária une-se um olhar ambiental promovedor da harmonia homem e natureza.

Na aventura do sanitarismo a educação desempenharia papel importante no adestramento do corpo. O trabalhador dócil, submisso e produtivo é a utopia da nova preocupação nacional. Uma espécie de ministério foi criado para regenerar as massas. Os pobres constituíram uma das preocupações da luta urbana. Ao melhorar as condições de trabalho nas fábricas aumenta a produtividade, diminui a capacidade de revolta a partir da docilização da classe.

Nas manhãs de quarta-feira as crianças mais abastardas corriam para as bancas de revista mais próximas. O motivo? Agarrar o novo exemplar da revista Tico-Tico. A revista chegou ao Brasil em 1905 e além de destinada ao público infantil trazia histórias em quadrinhos. Mas não para por aí. A revista possuiu um caráter de civismo. Encontrava-se comumente textos em que “um homem só pode mostrar o vigor de sua inteligência, ser ativo, trabalhador, empreendedor, quando é sadio, quando goza de saúde. Todo aquele que vive doente e fraco não pode ser útil a si mesmo nem aos outros”⁴. Veja-se como o discurso higiênico se transforma como elemento importante na efetivação do progresso do país.

Não por acaso, o nome da seção era “A arte de formar brasileiros”. Vivia-se no início do século uma república com preceitos positivistas, o que traz uma preocupação ainda maior com o civismo e garante uma produção literária infantil voltada ao patriótico, a moralidade. Um dos escritores da nova infância foram Olavo Bilac e o historiador Manuel Bonfim autores de uma literatura que lançou mão do quão importante era o estudo e o trabalho, o olhar ufanista nas riquezas naturais, a solidariedade entre os brasileiros sem distinção de cor, disciplinar a agenda das obrigações (disciplina do olhar), dormir e levantar-se cedo, exercícios físicos e higiene,

⁴ Ver: Revista de História da Biblioteca Nacional, abril de 2009.

muita higiene, uma boa alimentação (preferência a alimentos vegetais), no combate a doenças, na busca pelo moderno.

Talvez possa-se ver a revista como um manual destinado aos futuros salvadores da pátria. O folhear das páginas evidencia as esperanças destinadas aos “homens do Brasil de amanhã” e o caráter masculino. Ora, a seção do Tio José fala de coisas que os meninos precisam saber para se tornarem homens fortes e ensinamentos que os pais devem cumprir. Há hombridade na revista. A mulher é silenciada.

Se por um lado a revista Tico-Tico era foco do público masculino, por outro os Almanques de Farmácia destinavam-se mais as mães de família⁵. Mais que instrumentos de divulgação de medicamentos havia nesses almanques, distribuídos gratuitamente, um cuidado com a infância. O discurso sanitarista era divulgado por empresas de medicamento e de alimentos. A lente voltava-se para a mulher, a dona-de-casa, a rainha do lar, a geradora de filhos saudáveis.

Os Almanques de Farmácia aconselhavam as mães de diversas formas. A criança deve ser pesada todo mês até os dois anos de idade, até o quarto mês se alimentar somente de leite, proibir guloseimas entre as refeições, banho com água morna são medidas que mostram uma (re)educação das mães para uma nova disciplina comportamental que objetivou uma idealização e construção de uma nova nação. Incentivava-se os cumprimentos de tais práticas. Por exemplo, uma revista publicada pela Cruzada Pró-Infância patrocina um concurso de Robustez Infantil em 1936 e que trazia o slogan “nação forte é quem tem filhos fortes”. . .

O governo tomou uma série de medidas a fim de controlar os imensos problemas vividos pela população no início do século, a exemplo da desodorização dos espaços urbanos, alargamento das avenidas e conforme estamos vendo a higienização dos corpos. Mas foi graças a primeira constituição republicana (1891) que a população se uniu em torno de melhorias. Um dos artigos enfatizava “a todos é lícito associarem-se e reunirem-se livremente e sem armas, não podendo intervir a polícia senão para manter a ordem pública”.

⁵ Como não tive acesso direto a revista, baseio-me na matéria disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/a-arte-de-formar-brasileiro>. Consultado em 28 de abril de 2010

As cidades do Rio de Janeiro estavam repletas de ex-escravos, imigrantes e quase nenhum tipo de assistência pública. Criou-se as associações e entidades de grupo (espécie de redes de proteção social semelhante as atuais ONG's). Os registros de tais instituições mostram que entre 1903 a 1916 as sociedades registradas chegaram a 682. Os arquivos mostram uma preocupação com assistência médica, além de pensões para a família em caso da impossibilidade de trabalho. Distribuía-se aos seus membros remédios, ajuda para tratamento fora do Rio de Janeiro.

A administração governamental preocupada com a higiene começa a emitir um discurso com normas de disciplinar a população. À limpeza da cidade juntava-se a criação de aterros sanitários, distribuição de medicamentos e o aumento da iluminação elétrica. Na utopia de construir uma nação saudável o governo não estava sozinho. Os hospitais como instrumento de cura, o exército como auxílio e a escola com o saber uniam-se ao governo na política da limpeza. Cada instituição disciplinar tem uma função específica, isto é, “as fábricas feitas para produzir, os hospitais, psiquiátricos ou não, para curar, as escolas para ensinar, as prisões para punir” (Foucault, 1974, p.95). Através da disciplinarização do corpo a sociedade moderna é atingida por meio de corpos individuais. Segundo Foucault o corpo capturado pelas malhas do poder deve ser formado, reformado, corrigido, apreender regras e normas, receber qualidades, ser capaz de trabalhar e conseqüentemente ser controlado. (você deve estabelecer um dialogo com fontes e autores)

Assiste-se a uma heroicização do médico. Ele e sua ciência parecem residir no arauto maior da cidade. É o engenheiro da saúde. O eliminador dos micróbios, dos vírus, das doenças e responsável por restabelecer na família a cura. A fama do médico e os cuidados com a saúde compunham o teatro dos novos tempos. Propagandas de governo, museus, cinema (a lanterna mágica da ciência, o vivo demônio), artigos de jornal, escolas e o rádio divulgavam as novas tendências sanitaristas. O rádio era a emoção na realidade. Sintonizar as estações anunciava o alcance do moderno apenas no teclar de uma estação. O conteúdo de saúde transmitia-se com sensações de espirros, tosses, roquidão. Tornou-se mais fácil a aproximação do discurso sanitário com um novo padrão de família seguidora dos critérios monogâmicos, conjugais, reprodutivos.

2 A república e a medicalização da sociedade

Adentrando na propaganda sanitarista percebe-se que a saúde é uma mercadoria. Compra-se e/ou se vende. O capitalismo de olho na medicina, nas consultorias, nos exames, nos medicamentos. O moderno substituiu aos poucos a cura das plantas, conhecida por medicina popular, pela cura dos remédios manipulados em laboratórios e vendidos em farmácias. O discurso propagandístico trazia uma família perfeita, o homem medicado para alcançar um padrão masculino, viril, o pai guerreiro, a criança com horários definidos, alimentação regular e equilibrada, consumidoras dos biotônicos e de vitaminas. A imagética da família feliz acaba por unir-se ao chamamento de “um povo heróico” em um Brasil “gigante pela própria natureza”.

A expedição rumo ao “progresso científico” contou com médicos como Miguel Couto. Este via a criação da nova cidade enquanto intervenção. O “panoptismo” dos novos tempos velava os pobres constantemente, pois “o discurso médico fornecerá argumentos que justificarão o poder dos cultos sobre os incultos” (ROCHA, 1995, p.29).

Amontoados em cortiços, desocupados, atentados pelo álcool, convidados pelo crime os pobres são incultos. Couto lê os pobres associando-os à indolência. São a classe marginalizada, mas será regenerada a partir da disciplina e moralização do trabalhador pela sede da capital do Brasil em se parecer com a Europa.

Há uma questão mais além. Por serem analfabetos os pobres foram associados a ignorância. Dessa forma possuíam um olhar vago ante a inclinação que o país seguia. Não obstante, a ignorância passa a ser montada como calamidade pública. Couto afirma ser a ignorância o maior fator do atraso e a responsável por estrangular o Brasil. Indiscutivelmente a ignorância entrava no dicionário dos motivos pelo atraso do país.

Se a mulher do projeto republicano buscava, ao menos no discurso, seguir o ideal do óleo sobre a tela “A liberdade guiando o povo” de Delacroix, uma mulher de traços populares, que canta a Marselhesa como quem clama a liberdade, representações com traços de *fin-de-siècle* convidativos a sensualidade e a beleza da mulher; a mulher da primeira república vive um processo de colonização. August Conte atribuiu-lhe o

papel de mãe e esposa, a guardiã do lar. Seguindo essa lógica a mulher garantia a saúde moral da humanidade e a reprodução da espécie. A nova função da mulher a coloca como frágil, assexuada. É a mulher da Primeira República que continua sendo inferior em muitos quesitos, no entanto o status de “respeito” intensifica-se.

O provocativo livro *Do cabaré ao lar: a Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil: 1890-1930* da historiadora Margareth Rago traz uma análise de um novo modelo de feminilidade, é a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família. A mulher foi junto a criança os agentes de uma relação intra-familiar renovada. Mulheres das camadas elevadas lia dicas dos Almanques de Farmácia buscando aprimorar o seu ofício. Olhos atentos, vigilantes, curiosos na prevenção de qualquer doença. Seu êxito era o êxito dos filhos e do marido. O poder médico a qualificou como “guardiã do lar” cuja “missão sagrada” a ela atribuída é uma “dádiva” da natureza da procriação. Torna-se o centro do novo modelo familiar, é voz ativa quando o assunto é virtude entre os parentes..

As consultas aconselhavam as crianças abastadas a preencher as horas vagas com leitura e ginástica, medida que visava na realidade afastá-los dos voos da imaginação e da prática nanista, masturbação, por exemplo, típica de indolentes e fracos. A infância foi demasiadamente nomeada. “Matéria facilmente moldável”, “matéria-prima”, “reserva dos homens do Brasil”, “adulto em formação”, “futuro de uma pátria em gestação” eram algumas das representações seja de uso da época em estudo, seja de estudos recentes sobre a temática. As mulheres deveriam manter o ambiente familiar sempre limpo e impedir os maridos de ingerirem bebidas alcoólicas, de fumarem demasiadamente e de freqüentarem bordéis, ao mesmo tempo servia de exemplo para o “reizinho da família”. No que diz respeito as crianças pobres muitas continuaram no trabalho massacrante e sujo das fábricas do início do século. Melhor ser colocada no mercado de trabalho, longe das ruas e dos perigos e tentações que esta causava.

E o papel da escola? Construir indivíduos padronizados, dóceis e autoritários no sentido de zelar pelo seu país. No dizer de Margareth Rago a escola burguesa serve para fazer as pessoas aceitarem sem questionar as normas estabelecidas, para reafirmar valores morais e sociais da classe dominante. Mesmo que lançassem mão de relações autoritárias e punitivas entre alunos e professores. As escolas, como já dito, nasceram para disciplinar e sua arquitetura comprova isso, alunos e professores estão em alturas

diferentes, as cadeiras já estão fixas nos seus lugares, meninos e meninas em salas de aula diferentes. Não havia na educação o vocabulário evite, mas sim o não pode. Criança não faça isso, não faça aquilo.

Os escritos sobre a criança em relação a escola vinham dentre outros do médico Miguel Couto que começou a refletir a questão da infância. Pensou-a como um homem a ser moldado dentro de determinados aparatos e a escola enquanto uma instituição de saber, de educação e de transformação. Atingia-se com esse projeto uma criança promessa do futuro da nação e reafirmação de valores burgueses confirmadores da antítese nas classes inferiores. É vigiada seja em casa pela rainha do lar, seja na escola com as professoras-higienistas.

A geografia da escola se alterava. Entre família, médico e professor a criança assume o papel de porta-voz do discurso higienista. Ela recepcionava as novas idéias e as levava para casa. Técnica realizada especialmente com as famílias pobres, método de implantação dos saberes em voga. A criança eram tidas como matéria moldável. Corrigir os maus hábitos e virtuar-se nos princípios burgueses, máximas do que se objetivava. O “engenheiro sanitarista” devia estar atento não apenas as medidas de saúde, mas a própria arquitetura das escolas, que acabava por incrementar o sistema de “ortopedia moral”.

No entanto, a geografia urbana precisava lançar o olho normalizador para o espaço febril, conhecida pelos operários como fábrica satânica (termo criado pelos operários ingleses na Revolução Industrial, em oposição a um sistema de fábrica destruidor de um modo de vida anterior). Os personagens do Serviço Sanitário registram problemas com a higiene e condições de trabalho insuficientes. O discurso higienista penetra na fábrica para remodelar o estabelecimento através da modernização e tornar o ambiente de produção em um espaço limpo, agradável, tranquilo onde o trabalhador possa atender ao chamado de “trabalhador consciente e um cidadão inteligente”. O modelo de nova fábrica vinha dos Estados Unidos, onde a fábrica detestada pelos trabalhadores foi trocada por uma nova fábrica. Esta nova fábrica deveria ser asséptica e racional. O saber científico a incrementava com sistema de ventilação e iluminação e construção de amplos espaços de trabalho. As inovações tecnológicas iam substituindo trabalhos mais pesados. O discurso da nova fábrica acabaria por torná-la um espaço

apolítico de produção, como estudou Margareth Rago. Apolítico por transformar a fábrica em um meio familiar. Passava a ser pensada como a grande família dos operários.

O projeto arquitetônico infiltrava-se nas práticas sanitaristas. O prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, sob influência de Haussman destruiu casas e cortiços no centro da capital visando ao alargamento das avenidas, proibiu cães sem dono e vacas nas ruas; transferiu os mendigos para asilos, aconselhava a população a não cuspir nas calçadas e ordenava visitas sanitárias de caráter higiênico. Enquanto o Estado usa sua força administrativa a escola pensou uma forma de assumir controle no corpo através da educação física. Educadores buscavam um modelo de corpo saudável. O século XIX traz uma atenção para os músculos e o pulmão. Mais concretamente o século XIX inventa a ginástica. Partia-se do princípio que exercícios físicos melhoram a força e eficácia do corpo. Manuais começam a circular com vários exercícios numerados. À exemplo da ginástica escolar todas as crianças efetuam ao mesmo tempo e no mesmo ritmo um certo movimento. As máquinas de ginástica (manivelas, escadas) foram criadas para obrigar o corpo a trabalhar, o ciclismo da mesma forma. Mary Del Priore esclarece:

Desde o início do século XX, multiplicavam-se os ginásios, os professores de ginástica, os manuais de Medicina que chamavam atenção para as vantagens físicas e morais dos exercícios. As idéias de teóricos importantes, como Sabbathier, Amoros, Tissot ou Pestalozzi, corriam o mundo. Uma nova atenção voltada à análise dos músculos e das articulações graduava os exercícios, racionalizando e programando seu aprendizado. Não se desperdiçava mais força na desordem de gesticulações livres. Os novos métodos de ginástica investiam em potencializar as forças físicas, distanciando-se do maneirismo aristocrático da equitação ou do esgrima, ou da brutalidade dos jogos populares.
(DEL PRIORE, 2007, PP.298)

Instaura-se uma agenda médica dos novos tempos. Ainda no Rio Grande do Sul o relatório de 1896 esclarece a preocupação do Diretor Geral de Instrução Pública, o Dr. Manoel Pacheco Prates com uma educação tríplice, ou seja, física, moral e intelectual. Em 2 de fevereiro de 1897, o Decreto nº 89, a educação física passava a ser incluída nos programas dos colégios distritais e das escolas elementares.

À ginástica uniam-se exercícios militares representado pelo escotismo escolar. Este último de grande valia na formação do caráter, energia da criança, exaltação da vontade e nos preceitos de moral e cívica. Eugenia (referente a educação física), civismo (realização de deveres físicos), inteligência (desenvolve técnicas de logicidade e urgências) e caráter (adquirido a partir da prática da bondade) foram um dos objetivos da Associação Brasileira de Escoteiros na controle e vigilância dos corpos.

Considerações finais

No resumo deste artigo contornamos a pretensão de trilhar os caminhos de Michel Foucault no que se refere a pedagogia do saber médico e a narrativa buscou colorir tal pretensão. Segundo Foucault o saber médico aplicado a família se expressa na medicina do Estado, na medicina urbana ou na medicina da força de trabalho. A primeira é praticada sobre o indivíduo na intenção de fortalecer o estado. A segunda consiste em desodorizar e organizar a cidade uma vez diagnosticado o seu problema. A terceira se restringe aos pobres objetivando uma maior força de trabalho e conseqüentemente do rendimento fabril. Ao dissertar sobre o processo higiênico enquanto um olhar voltado para o controle do corpo e afetador da família na medida em que usa a escola, instrumento de práticas pedagógicas, no processo sanitaria fica claro os moldes do público adentrando no círculo do privado. O Leviatã da Primeira República no Brasil manuseava os seus tentáculos partindo de um olhar que vigia, espreita, observa e está disposto a fazer as intervenções a qualquer momento.

O resultado dessa breve saga? Especialistas da época afirmam o cuidado com a saúde. Mais. O processo de Clio, da História, é desnaturalizador e por isso devemos desmontar o passado perguntas ao documento nos deixando afetar pelo nosso presente. Os nossos colegas mostram ser o discurso sanitário um dos difusores de um país que quer ser Europeu, busca o título de “Paris dos trópicos”, de uma república onde a higiene está na ordem, a educação no progresso, onde, conforme procurarmos mostrar, por meio da revista Tico-tico e dos Almanques de Farmácia houve uma preocupação em disciplinar os corpos infantis. Utilizando para tal demonstração a escola enquanto

aparelho que normatiza práticas no indivíduo e o discurso sanitário na pretensão de um país moderno.

Referências

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

EDUARDO Anna Rachel Baracho e FERREIRA Angela Lúcia de Araújo. **As Topografias Médicas no Brasil do início do Século XX: aportes históricos ao estudo da relação meio ambiente e sociedade (o caso de Natal-RN)**. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT16/gt16_anna_rachel.pdf>. Acessado em 04 de Julho de 2010.

FONSECA, Vitor Manoel Marques da. **Associados, uni-vos**. Revista de História da Biblioteca Nacional, v. 45, n. 4, Rio de Janeiro: 2009, p. 54-57.

HANSEN, Patrícia. **Um guia para brasileiros do futuro**. Revista de História da Biblioteca Nacional, v. 40, n. 4, Rio de Janeiro, 2009, p.80-83.

KORDORFER, Ana Paula. **“É melhor prevenir do que curar”**: a higiene e a saúde nas escolas públicas gaúchas (1893-1928). Disponível em: <http://btd.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=497>. Acessado em 04 de Julho de 2010.

MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi. **A infância nos almanaques de farmácia**. Higiene e dietética entre as décadas de 20 a 40. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt02/p025.pdf>>. Acessado em 04 de Julho de 2010.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, Simplesmente: textos reunidos**. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do e SILVEIRA, Anny Jackeline da Silveira. **A doença revelando a história**. IN: Nascimento, Dilene Raimundo do e Carvalho, Diana Maul de. Uma história das doenças, Brasília, Paralelo 15, 2004.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **“FORA DA HIGIENE NÃO HÁ SALVAÇÃO”**: a disciplinarização do corpo pelodiscurso médico no Brasil Republicano. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2483/1578>>. Acessado em 04 de Julho de 2010.

PARSETTI, Edson. **Crianças Carentes e Políticas Públicas**. In: PRIORE, Mary Del Priore. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2007.

PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2006.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

ROCHA, Heloísa Pimenta. **Imagens do analfabetismo: a educação na perspectiva do olhar médico no Brasil dos anos 20**. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000089658>. Consultado em 12 de junho de 2010

SALIBA, Elias Thomé. A Dimensão Cômica da Vida Privada na República. In: NOVAIS, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.